

Aconselhamento e stress: o caso limite de conflitos militares

Helena Maria Almeida Cortez¹, Maria Zélia B. M. Leite², Maria Anete Moura Cordeiro², Teresa Verônica Santos², Leila Maria Vieira Medeiros² & Eduardo J. R. Santos²

Neste estudo procura-se estabelecer uma reflexão contextualizada sobre as estratégias de intervenção em situações limite de stress, como as que acontecem no campo de confronto bélico. Após uma descrição do objecto e métodos da psicologia militar, apresentam-se algumas directivas para o aconselhamento em situações de guerra.

Palavras-Chave: Psicologia militar; Stress; Aconselhamento.

Introdução

Reflectir hoje sobre stress quase que se tornou lugar-comum. No entanto, novas formas surgem, fruto das modificações psicossociais que dia a dia se tornam constantes. Um novo conceito – “stress transicional” – surge, associado às mais diversas situações em que a mudança se afigura como componente principal do problema: podemos referir como exemplos, reorganizações laborais (e.g., Sykes & Eden, 2007), incluindo e influenciando os próprios profissionais de aconselhamento (e.g., Layne, Hohenshil & Singh, 2004), transições escolares (e.g., Lehr, Johnson, Bremer, Cosio & Thompson, 2004), deslocamentos geográficos, nomeadamente movimentos migratórios (e.g., Maida, Gordon & Farberow, 2006; Yuh Huey Jou & Fukada, 1996), ou os casos limite de conflitos militares (e.g., Noy, 1991). Neste último caso, e numa perspectiva ecossistémica (Ford, 1994), muito se estende o já apreendido em contextos organizacionais (e.g., Crandal & Perrewé, 1995; Lowman, 1993; Ross & Altmaier, 1994), e em contextos clínicos (e.g., Rice, 1999; Saxon & Stanley, 1980), e que certamente convém actualizar! Devemos referir também que temos como pressuposto que a instituição militar se estrutura como uma organização, embora de complexidade

¹Instituto de Psicologia Cognitiva Desenvolvimento Vocacional e Social (leilamedeiroslm@hotmail.com),(eduardosantos@fpce.uc.pt)

² Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Coimbra

crescente, e que o cenário de conflito se estrutura como um sistema multideterminado nas suas implicações comportamentais, nomeadamente ao nível das vivências extremas de stress e de trauma. Como todos os indicadores nos revelam que estas situações se agudizarão nos tempos vindouros, pensamos ser útil compreender primeiro o âmbito de operacionalidade da psicologia militar, enquanto disciplina científica e prática corrente em muitas forças armadas, antes de descrevermos as estratégias de aconselhamento para situações de stress no contexto de guerra.

Psicologia militar: uma revisão

Ao reflectirmos sobre a psicologia militar e o seu enquadramento institucional não poderemos de deixar de ter em atenção a génese desta disciplina, o seu histórico, a sua evolução científica, os desafios em termos de investigação e intervenção, o que em suma, tem a ver com a sua definição epistemológica e sua *praxis* (Cronin, 2003).

Não poderemos, também, esquecer a influência deste campo temático para a própria evolução da ciência psicológica. A afirmação da psicologia como ciência está intimamente ligada à psicometria do século XX, que, por sua vez, está dependente directamente das duas Grandes Guerras Mundiais (Dillon & Pellegrino, 1989), condições fundadoras da disciplina da Psicologia Diferencial.

Mas, indo um “pouco” mais atrás na história da humanidade, e do ponto de vista antropológico, não poderemos esquecer que as primitivas sociedades colectoras e caçadoras, de vida nómada, evoluíram em sociedades agrícolas e artesanais, núcleo das sociedades de troca directa, embrião das modernas sociedades financeiras, gémeas das sociedades corporativas e “guerreiras”, que fundam sociologicamente a modernidade da “guerra fria”, e posterior degelo pela “perestroyka”, e emergência dos movimentos fundamentalistas e terroristas. A história da Psicologia Militar está indissociavelmente envolvida com a própria história da humanidade e com o modo como as sociedades evoluíram em torno da organização da sua estrutura e dos seus modos de produção (Neff, 1985).

Queremos com isto afirmar que a definição de hipóteses para a Psicologia Militar, do ponto de vista institucional, não poderá ser apenas um exercício abstracto, mas deverá ser uma reflexão situada no campo problemático da intervenção das forças militares ao serviço das nações, dos povos, e do progresso e da paz mundial (Zeidner & Drucker, 1983).

Por estas razões, iniciaremos este artigo por uma retrospectiva histórica da Psicologia Militar, da sua definição epistemológica e dos seus desafios para a pós-modernidade (Taylor & Alluisi, 1994).

Contextualização histórica

1. Guerras e psicologias

Embora o berço da psicologia seja a cultura helénica, e posteriormente, tenha sido a Europa Central a grande impulsionadora desta ciência, é nos EUA que a alavanca da modernização e afirmação da Psicologia se situa.

A actual Divisão 19 da American Psychological Association (a maior associação mundial de psicólogos, não obstante o seu carácter nacional), e designada, hoje, como “Society for Military Psychology”, foi fundada no contexto da 2ª Grande Guerra Mundial. Já em 1939, e antevedendo um novo cenário de guerra, foram desenvolvidos esforços no sentido do Recrutamento, Selecção e Treino de Pessoal Militar, e da Emergência em Psicologia. Um conjunto de personalidades proeminentes da Psicologia norte-americana, reavaliando a experiência da 1ª Grande Guerra Mundial, começara a preparar cenários de intervenção, que em 1945 se tornaram realidades!

Mas para além da concentração de esforços na área da avaliação psicológica (Wiskoff & Rampton, 1989), a Psicologia Militar cedo começou por perceber que tinha de ter uma postura mais de natureza organizacional, olhando para esta instituição como organização na verdadeira acepção da palavra, mas, igualmente, direccionando clinicamente, para o pós-guerra, e todas as consequências pessoais e sociais que daí podiam resultar.

2. Cronologia da Psicologia Militar no contexto internacional e nacional

Foi durante a 1ª Guerra Mundial (1914 – 18) que se iniciaram as primeiras aplicações da Psicologia nas instituições militares, sendo que os primeiros testes de inteligência colectivos preparados por psicólogos (americanos) foram o Army Alpha e o Army Beta, na perspectiva diferencialista do “homem certo para o lugar certo”.

Em Portugal, a Psicologia só começou a ter afirmação mais tarde, tendo o IOP (Instituto de Orientação Profissional) sido criado apenas em 1927, sendo que nesta altura decorreram vários estudos e palestras sobre a Psicologia e a actividade militar, sob a orientação de um

dos fundadores da Psicologia em Portugal, o Prof. Faria de Vasconcelos. Por volta dos anos 40, começaram a realizar-se estudos sobre a área sensorial e psicomotora, bem na tradição dos emergentes Laboratórios de Psicologia Experimental do país.

Ao longo dos anos 50 começam a aparecer trabalhos de selecção, realizados através de cerca de 40 laboratórios psicotécnicos móveis, originando a criação do C.E.P.E. (Centro de Estudos Psicotécnicos do Exército, 1960), que tinha como objectivo preparar o arranque – a curto prazo – dos centros de selecção.

A guerra colonial acabou por dar um impacto não esperado a esta dinâmica, concentrando-se este serviço na classificação de especialidades militares, e adaptação de testes psicométricos, embora mais tarde as técnicas de avaliação em contexto grupal, e psicossocial se tenham afirmado também.

Em 1968 inicia-se a publicação do primeiro Boletim de Psicologia Militar.

É na década seguinte que são criadas as primeiras Faculdades de Psicologia de onde saem os primeiros-oficiais inseridos posteriormente no C.E.P.E.

Desde os anos 80, a Psicologia Militar alargou-se a diferentes áreas da Psicologia, tendo surgido, desde então, novos modelos e metodologias que têm sido aplicadas nas Forças Armadas, visto a sua operacionalidade em áreas como a selecção e o recrutamento, o sujeito e a organização militar, a avaliação psicológica, o stress, e a prevenção e tratamento das toxicod dependências, ter-se revelado bastante importante à semelhança de outras organizações militares como a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

A Psicologia Militar (e a Sociologia Militar) foram conjuntamente referidas, e revistas no seu enquadramento na instituição militar em 1993, quando da criação do Centro de Psicologia Aplicada do Exército. Esta instituição multiplicou-se em várias actividades e estudos contribuintes para a Psicologia e Sociologia Militares (com áreas ligadas a vários factores humanos, ambientais, psicologia clínica e das organizações, etc.).

Intervenções de merecido destaque são o início do apoio e aconselhamento psicológico aos alunos dos Estabelecimentos Militares de Ensino e aos militares em Missões de Paz, e também a docência de cadeiras de Psicologia e Sociologia – em 1996. Em 2001, inicia-se mais um programa de apoio, desta vez aos presos nos Estabelecimentos Militares Prisionais.

Pode-se concluir a partir desta retrospectiva histórica, e do que na actualidade se faz no Exército, que a Psicologia Militar só tem benefícios a oferecer, não só para o Exército, como

para a Nação (Paiva, Cerdeira, Rodrigues & Ferro, 1997), não se limitando a aplicações neste âmbito, pois é uma disciplina muito abrangente (sendo que já são leccionadas em instituições de ensino superior e universitário que incentivam à criação e desenvolvimento de novos programas, modelos e metodologias em Psicologia, que utilizarão no Exército, mas que são também aplicáveis, igualmente, em outras áreas da Psicologia).

Psicologia Militar – em busca de uma definição

1. De Binet à Central Intelligence Agency

Se nas pegadas do trabalho precursor de Alfred Binet sobre a inteligência foi possível constituir uma psicologia científica, e ao mesmo tempo pragmática, em torno da psicometria, e, simultaneamente, através dos modelos racionais de organização do trabalho (Taylor, Fayoll, e Weber), foi possível fundar uma psicologia das organizações, é, no entanto, no esforço de guerra que se consolida a Psicologia Militar. Foram nomes como os de Yerkes, e seus trabalhos de avaliação de aptidões, que responderam à necessidade de assimilar milhões de cidadãos para o Exército.

Mas o esforço alargou-se para outros horizontes, como a moral das tropas, liderança, aptidão para voar, estabilidade emocional, etc., em que se notabilizaram grandes nomes da história da Psicologia como Cattell, Hall, Strong, Terman, Thorndike, Watson, e Woodworth, que no contexto da primeira Grande Guerra Mundial se notabilizaram.

No espaço temporal entre as duas grandes guerras, outros estudos levaram a aprofundar outros temas, como a influência dos factores ambientais no desempenho militar, a inteligência militar, dinâmica de grupo em situação de combate, etc.

Após a segunda Grande Guerra Mundial, muitos dos ensinamentos recolhidos foram aplicados à sociedade civil. Simultaneamente, muitos dos seus problemas, que se alargaram à instituição militar, também começaram a ser investigados pelos psicólogos militares (por exemplo, adições a substâncias psicoactivas, reabilitação de pessoas com deficiências, etc.).

Reflexo desta situação é que o Departamento de Defesa dos EUA empregava nos anos 80 mais psicólogos do que qualquer outra organização ou empresa no mundo. Na contemporaneidade, com a natural tendência de diminuição de efectivos, os números são substancialmente menores, embora sempre eficazes quando se trata de defender a Paz no

mundo. E muitas das vezes, em sectores mais específicos e especializados como a Central Intelligence Agency (CIA), onde a “inteligência” toma novos rumos.

2. Áreas de intervenção

Os conhecimentos científico e prático que se foram consolidando ao longo de décadas, possibilitaram organizar uma taxonomia de áreas de intervenção para a Psicologia Militar, a qual propicia a reflexão sobre hipóteses de enquadramento desta nas instituições militares.

Assim, e a saber, as grandes áreas de intervenção da Psicologia Militar:

1. Selecção e Classificação
2. Formação e Treino
3. Engenharia (ergonomia) dos factores humanos
4. Agentes ambientais de “stress”
5. Liderança e Eficácia de Grupo
6. Comportamento Individual e de Grupo
7. Clínica
8. Inquéritos
9. Situações e indivíduos especiais

Considerando, o que se poderia designar por “empregadores” dos psicólogos militares, e por contextos profissionais, serão de considerar os seguintes:

1. Centros de Investigação
2. Centros de Formação
3. Centros Médicos, Hospitais e Clínicas
4. Bases e Academias Militares
5. Campos Operacionais (de combate e missões de paz)
6. Centros Operacionais, de Decisão e de Planificação.

Enquadramentos institucionais para a psicologia militar

1. Algumas hipóteses

No seguimento das reflexões anteriores, e acompanhando de perto a obra fundamental em Psicologia Militar de Gal e Mangelsdorff (1991/1996), podemos, agora, esboçar algumas hipóteses de enquadramento institucional para a Psicologia Militar.

No campo da “Seleção, Recrutamento e Colocação” das Forças Armadas estamos perante o “velho” problema organizacional de colocar a pessoa apropriada no posto indicado. As estratégias de diagnóstico terão de ser exploradas, incluindo problemas de medição e validação de instrumentos, tendo como base as Teorias da Personalidade, a Psicologia Social e as Teorias da Tomada de Decisão em organizações complexas. Este campo remete, logicamente, para a organização de serviços de Recrutamento e Seleção.

Tendo em consideração os “Factores Humanos e o Desempenho Militar”, o enfoque é incrementar a probabilidade de êxito em situação de combate. A ergonomia, a engenharia de factores humanos, como liderança, moral, experiência, motivação, treino e disciplina, no sentido tradicional militar, são dimensões fundamentais. A inteligência artificial e o “stress” são áreas também profusamente estudadas.

No que concerne aos “Factores Ambientais e Desempenho Militar”, destacam-se factores como a articulação dos equipamentos e dos militares, das condições ambientais de combate (climáticas, radiações, etc.).

Ao considerarmos as questões da “Liderança e Desempenho Militar”, estamos a tocar num dos pontos mais sensíveis e importantes da Psicologia Militar. Como formar um bom líder militar, para que seja eficaz e eficiente? Será que uma liderança personalizada, “cara-a-cara”, resultará mais que uma liderança formal?

Ao confrontarmo-nos com as dimensões do “Comportamento Individual e de Grupo”, estamos a colocar questões sobre a motivação para o combate, a coesão do grupo, a identificação com valores sociais, entre outras.

Para além destas áreas mais clássicas, outras despontam como a “Psicologia Organizacional: Clínica e Consulta”, em que ao psicólogo militar se exigem posturas, simultaneamente, terapêutica e de consultoria, que se alargam por campos tão diversos como a avaliação neuropsicológica, e a psicologia da saúde em contexto militar.

Por “Tópicos e Situações Especiais” abordam-se contextos de guerra, como por exemplo, reféns, técnicas de sobrevivência em cativeiro, etc., os quais pela sua delicadeza são verdadeiros desafios à Psicologia Militar.

2. Organização de Serviços de Psicologia Militar

Na sequência do já referido anteriormente, e procurando sistematizar, os Centros de Recrutamento e Seleção são de um inigualável valor estratégico para a instituição militar, tanto mais que a investigação produzida no campo da avaliação psicológica avança rapidamente em campos tão especializados como a neuropsicologia, ou a inteligência emocional (O’Brien & Charlton, 1995; Rumsey, Walker & Harris, 1994; Wigdor & Green, 1993).

A área da formação é extremamente importante num cenário de contínua evolução das problemáticas e das adequadas soluções. Em Centros de Formação poderá o Psicólogo Militar intervir no âmbito psicopedagógico, mas também na área da formação comportamental para níveis individuais e de grupo, com especial enfoque para as questões de liderança (Bartone, 1997; Ellis, 1986; Hunt & Blair, 1985).

Porque as exigências das tarefas militares são cada vez mais complexas, aquilo que se designou por engenharia dos factores humanos é de vital importância para o êxito das missões. Assim, outro enquadramento possível para os psicólogos militares seria em Centros de Ergonomia (Zeidner, 1986, 1987), tendo em vista essa ciência corroborar na melhoria da qualidade de vida dos indivíduos.

A psicologia clínica e da saúde reveste-se no campo militar de importância fundamental. Os níveis de “stress” e a adversidade ambiental são de tal magnitude que neste campo os psicólogos militares encontram campo imenso para a sua intervenção; lembre-se apenas toda a problemática das situações de PTSD (“stress” pós-traumático). Esta seria a base de fundamentação do estabelecimento de Serviços de Psicologia Clínica e da Saúde Militar (McGuire, 1990; Quinault, 1992; Solomon, 1993; Ursano, Holloway, Jones, Rodriguez & Belenky, 1989; West, Mercer & Altheimer, 1993).

Finalmente, e porque na perspectiva de um mundo moderno a investigação científica é nuclear, a estruturação de Unidades de Pesquisa em Psicologia Militar seria o corolário lógico

para a alimentação dos outros serviços de inovação conceptual, metodológica e prática (Driskell & Olmstead, 1989).

Esta proposta teria que, naturalmente, ser adequada às especificidades nacionais e internacionais das diversas Forças Armadas.

Um exemplo paradigmático da aplicação da investigação em Psicologia Militar, como forma de intervenção.

Retomando o enfoque primordial deste artigo sobre o aconselhamento em situações limite de stress, em contexto militar, referenciamos uma pesquisa realizada por investigadoras brasileiras (Schincariol & Vasconcellos, 2001) com os familiares dos militares dos Batalhões de Polícia do Exército, integrantes da Força de Manutenção de Paz em Timor Leste, com a finalidade de oferecer-lhes suporte psicossocial durante a ausência destes em missão. Nesta pesquisa foram diagnosticadas alterações psicológicas e/ou psicossomáticas, níveis de “stress” e mudanças nos papéis e funções familiares bastante acentuadas. Foram, para o efeito, realizadas reuniões, palestras, dinâmicas de grupo, aplicação de instrumentos de medida de nível de “stress” e atendimentos individuais. Os resultados mostraram nível alto de “stress” nas fases iniciais da missão. Esta experiência comprovou a necessidade de se ter em consideração os aspectos da Prevenção Primária e Secundária em populações potencialmente de risco, como os próprios familiares, que por sua vez poderão colocar os militares, em si, em situações de instabilidade emocional (Black, 1993; De Soir, 1997).

Este poderá constituir um bom exemplo do trabalho de uma Unidade de Pesquisa em Psicologia Militar, a enquadrar na instituição militar.

Aconselhamento e stress: o caso limite de conflitos militares

Após esta detalhada descrição do contexto da Psicologia Militar, finalizada acima com a indicação de uma pesquisa específica, como condição de compreensão das estratégias de aconselhamento no stress em situações limite de conflito bélico, é, então, tempo de a explicar com mais detalhe.

Assim, na sequência dos acontecimentos do 11 de Setembro, e das guerras do Afeganistão e Iraque, a pressão sobre a própria área do aconselhamento aumentou, desde que esta a partir de 1917 tomou consciência deste facto (Cleary, 1988). Só nos EUA o número de

militares deslocados em situações de guerra atingia em 2003 o número de 250.000 efectivos, incluindo os especialistas de saúde mental. E o grande “combate” tem sido com os elementos “stressores” aos níveis individual, familiar e organizacional. Recorde-se que este é de facto um enorme desafio pelo gigantismo dos contextos bélicos; na 2ª Guerra Mundial foram avaliados psicologicamente 12 milhões de soldados! Neste contexto, a primeira preocupação em termos de aconselhamento individual é a questão da multiculturalidade, atendendo a que as situações de guerra à escala mundial se desenrolam em cenários muito diversificados do ponto de vista axiológico, o que sempre envolve conflitos de natureza interpessoal (Fenell & Weinhold, 2003; McGoldrick, Pearce & Giordano, 1992).

Sendo a actividade militar essencialmente grupal, o aconselhamento de grupo em termos de afiliação e coesão, potencializa níveis mais adequados de competência para lidar com situações de marginalização frequentes nestas situações. Mas também abordagens psico-educacionais são importantes nestes contextos, nomeadamente para a aprendizagem da gestão do stress, da agressividade violenta vs. depressão (Fenell, 1993; Olin & Fenell, 1989), e da prevenção de comportamentos suicidas (Rothberg, Ursano & Holloway, 1987) – o que parece ser consequência do stress. Os stressores psicofisiológicos e psicossociais têm efeitos, por vezes, devastadores em termos comportamentais (Channing E. Bette, 1997; Stay Well Company, 1998), que poderão ser contrariados por estas abordagens, que vão desde o treino do seu reconhecimento, e da modificação contingente de comportamentos, à gestão do tempo.

Outro domínio altamente sensível em termos de aconselhamento é o familiar (Fenell & Wallace, 1985; Waite & Gallagher, 2000); a terapia familiar e outros serviços de consulta psicológica são comuns como oferta de aconselhamento em saúde mental para os militares, enquanto resposta ao intenso stress de separação que a situação de guerra acarreta: aconselhamento infantil, aconselhamento conjugal, educação familiar, e prevenção de violência doméstica.

Um aspecto especial para o sistema familiar em termos de aconselhamento é a própria mobilidade familiar que acarreta para os mais jovens um stress transicional acrescido (Decoteau & Keller, 2000; Pollock & Van Reken, 2001). Mesmo o regresso à vida civil por parte dos militares, e a reunificação familiar, podem ser experienciados como uma transição stressante, tanto como a desvinculação na situação de missão. Nesta última, o stress deve ser

experienciado como reacção natural à mudança, mesmo que os sentimentos mistos possam trazer alguma desorientação ao militar.

Por último, um aspecto que tem surgido como relevante em todo este conjunto de situações de aconselhamento em acontecimentos extremos de stress é o da colaboração com os comandos e lideranças militares, especificamente nas situações, lamentavelmente inevitáveis, de morte (Harvey, 2002; Vandesteeg, 2001).

Conclusão

Numa sociedade agonística e altamente conflitual como a nossa, o bem-estar e a Paz são objectivos que todos almejamos. Nesse sentido, a Psicologia no seu campo privilegiado de compreensão e intervenção sobre o comportamento humano, ao unir-se com a instituição militar ganha uma mais-valia, inalcançável por outras áreas. A saúde mental das populações e dos seus guardiães passará sem dúvida pela Psicologia Militar; assim esta instituição e os poderes políticos aceitem o desafio e o queiram.

Observa-se na contemporaneidade a cultura do hedonismo, ou seja, a busca pelo prazer individual, e imediato como bem supremo da/na vida humana, num individualismo quase selvagem e numa pressa quase desenfreada que parece permitir maior imediatismo até das forças armadas.

O sentido do dever e o dever do sentido poderão ser um bom lema para a Psicologia Militar nos enquadramentos institucionais que se desejam! No caso da intervenção de aconselhamento psicológico, parece-nos ser/ter (n)o “stress” um dos inimigos a combater.

Referências Bibliográficas

- Bartone, P.T. (1997). Preditores de Coesão nas Forças Americanas de Manutenção de Paz. *Revista de Psicologia Militar*, 10, 11-21.
- Black, W.G. Jr. (1993). Military-Induced Family Separation: A Stress Reduction Intervention. *Social Work*, 38 (3), 273-280.
- Channing E. Bette Co., Inc. (1997). *Stress management: Self-care handbook* [Brochure]. South Deerfield, MA: Author.
- Cleary, T. (1988). *Translation and commentary of SunTzu: The art of war*. Boston: Shambhala Publications.

- Crandal, R., & Perrewé, P. L. (Ed.) (1995). *Occupational stress: a handbook*. Washington, DC: Taylor & Francis.
- Cronin, C. (2003). *Military Psychology: An Introduction* (2nd ed.). New York: Pearson.
- Decoteau, G. T., & Keller, M. M. (2000). *The military child: Mobility and education*. Bloomington, IN: Phi Delta Kappa Educational Foundation.
- De Soir, E. (1997). Problemas Familiares nas Operações de Manutenção de Paz. *Revista de Psicologia Militar*, 10, 23-32.
- Dillon, R. F., & Pellegrino, J. W. (Eds.) (1989). *Testing: Theoretical and applied perspectives*. New York: Praeger.
- Driskell, J. E., & Olmstead, B. (1989). Psychology and the military: Research applications and trends. *American Psychologist*, 44, 43-54.
- Ellis, H. A. (Ed.) (1986). *Military contributions to instructional technology*. New York: Praeger.
- Fenell, D. L. (1993). Using Bowen's differentiation of self scale to help couples understand and resolve marital conflict. In T. S. Nelson & T. S. Trepper (Eds.), *101 interventions in family therapy*. New York: Haworth Press.
- Fenell, D. L., & Wallace, C. (1985). Remarriage: The triumph of hope over experience: A challenge for counseling professionals. *Arizona Counseling Journal*, 10, 12-18.
- Fenell, D. L., & Weinhold, B. K. (2003). *Counseling families: An introduction to marriage and family therapy* (3rd ed.). Denver: Eove Publishing.
- Ford, D. H. (1994). *Humans as Self-Constructing Living Systems: A Developmental Perspective on Behavior and Personality* (2nd ed.). State College, PA: Ideals.
- Gal, R., & Mangelsdorff, A. D. (Eds.) (1991/1996). *Handbook of military psychology*. New York: Wiley.
- Harvey, S. C. (2002). Debriefing/decompression: Psychological support for OEF casualties. *US Army Medical Department Journal*, Oct-Dec, 14-20.
- Hunt, J. G., & Blair, H. D. (Eds.) (1985). *Leadership on the future battlefield*. New York: Pergamon-Brassey.
- Layne, C. M., Hohenshil, T. H., & Singh, K. (2004). The relationship of occupational stress, psychological strain, and coping resources to the turnover intentions of rehabilitation counselors. *Rehabilitation Counseling Bulletin*, Vol. 48, 1, 19-30.

- Lehr, C. A., Johnson, D. R., Bremer, C. D., Cosio, A., & Thompson, M. (2004). *Essential tools: Increasing rates of school completion: Moving from policy and research to practice*. Minneapolis, MN: University of Minnesota.
- Lowman, R. L. (1993). *Counseling and Psychotherapy of Work Dysfunctions*. Washington, DC: APA.
- Maida, C. A., Gordon, N. S., & Farberow, N. L. (1989). *The Crisis of Competence, Transitional Stress and the Displaced Worker*. NY: Brunner/Mazel.
- McGoldrick, M., Pearce, J. K., & Giordano, J. (1992). *Ethnicity and family therapy*. New York: Guilford.
- McGuire, F. (1990). *Psychology aweigh! A history of clinical psychology in the United States Navy*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Neff, W. S. (1985). *Work and Human Behavior*. Aldine: Gruyter.
- Noy, S. (1991). Combat stress reactions. In R. Gal & A. D. Mangelsdorff (Eds.), *Handbook of military psychology* (pp. 507-530). New York: John Wiley & Sons.
- O'Brien, T. G., & Charlton, S. G. (Eds.) (1995). *Handbook of human factors testing and evaluation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Olin, G. V., & Fenell, D. L. (1989). The relationship between depression and marital adjustment in a general population. *Family Therapy, XVI*, 11-20.
- Paiva, L., Cerdeira, E., Rodrigues, A., & Ferro F. (1997). O Militar Português em Missões de Paz – Factores Humanos no Pré e no Pós-Deslocamento. *Revista de Psicologia Militar, 10*, 35-56.
- Pollock, D. C., & Van Reken, R. E. (2001). *Third culture kids: The experience of growing up among worlds*. Yarmouth, ME: Intercultural Press, with London: Nicholas Brealey Publishing.
- Quinault, W. (1992). A study of the incidence of stress and anxiety related health problems among the dependants of RAF personnel during the Gulf War. *Nursing Practice, 5* (2), 12-24.
- Rice, P. L. (1999). *Stress and Health*. Chicago, IL: Cengage Learning.
- Ross, R., & Altmaier, E. M. (1994). *Intervention in Occupational Stress: A Handbook of Counseling for Stress at Work*. Thousand Oaks, CA: Sage.

- Rothberg, J. M., Ursano, R. J., & Holloway, H. C. (1987). Suicide in the United States military. *Psychiatric Annals*, 17, 545-548.
- Rumsey, M. G., Walker, C. B., & Harris, J. H. (Eds.) (1994). *Personnel selection and classification*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Saxon, J. P., & Stanley, S. R. (1980). Occupational Stress: Implications for Vocational Rehabilitation Counseling. *Journal of Rehabilitation*, Vol. 46, 2, 56-60.
- Schincariol, M. F., & Vasconcellos, A. C. (2001). Suporte psicossocial a familiares de militares durante operação de manutenção de paz. *Psicologia: Teoria e Prática*, 3, (2), 37-45.
- Solomon, Z. (1993). *Combat stress reaction: The enduring toll of war*. New York: Plenum.
- Stay Well Company. (1998). *A guide to managing stress*. [Brochure], San Bruno, CA: Author.
- Sykes, I. J., & Eden, D. (2008). Transitional stress, social support, and psychological strain. *Journal of Organizational Behavior*, Vol. 6, 4, 293-298.
- Taylor, H. L., & Alluisi, E. A. (1994). Military psychology. In *Encyclopedia of human behavior, Volume 3* (pp. 191-201). New York: Academic Press.
- Ursano, R. J., Holloway, H. C., Jones, D. R., Rodriguez, A. R., & Belenky, G. L. (1989). Psychiatric Care in the Military Community: Family and Military Stressors. *Hospital and Community Psychiatry*, 40 (12), 1284-1289.
- Vandesteeg, C. (2001). *When duty calls: A guide to equip active duty, guard, and reserve personnel and their loved ones for military separations*. Enumclaw, WA: WinePress.
- Waite, L. J., & Gallagher, M. (2000). *The case for marriage*. New York: Doubleday.
- West, L., Mercer, S. O., & Altheimer, E. (1993). Operation Desert Storm: the Response of a Social Work Outreach Team. *Social Work in Health Care*, 19 (2), 81-98.
- Wigdor, A. K., & Green, B. F., Jr. (Eds.) (1991). *Performance assessment for the workplace*. Washington, DC: National Academy Press.
- Wiskoff, M. F., & Rampton, G. L. (Eds.) (1989). *Military personnel measurement: Testing, assignment, evaluation*. New York: Praeger.
- Yuh Huey Jou & Fukada, H. (1996). The causes and influence of transitional stress among Chinese students in Japan. *The Journal of Social Psychology*, Vol. 136, 4, 501-509.

Zeidner, J. (Ed.) (1986). *Human productivity and enhancement: Volume 1: Training and human factors in systems design*. New York: Praeger.

Zeidner, J. (Ed.) (1987). *Human productivity and enhancement: Volume 2: Organization, personnel, and decision making*. New York: Praeger.

Zeidner, J., & Drucker, A. (1983). *Behavioral science in the Army: A corporate history of the Army Research Institute*. Alexandria, VA: U.S. Army Research Institute for the Behavioral and Social Sciences.

Counseling and stress: the case limit of military conflicts

In this paper strategies of intervention in stressful situations are presented, within armed conflict domains. After a description of the field of military psychology, some core counseling issues are addressed in what concerns war situations.

Key-Words: Military psychology; Stress; Counseling.

Consultation psychologique et stress: le cas limit des conflits militaires

Dans l'article des stratégies d'intervention sont présentés pour les situations de conflit armé. Depuis la description du champ de la psychologie militaire, les principaux thèmes de la consultation psychologique pour le stress sont adressés.

Mots-Clés: Psychologie militaire ; Stress ; Consultation psychologique.